

Resenha

Crônicas Subversivas de um cientista, de Luiz Hildebrando Pereira da Silva

Subversive Chronicles of a scientist, from Luiz Hildebrando Pereira da Silva (2012)

Cristiano Correa de Azevedo Marques¹

O contexto da crônica em um periódico de História da Ciência.

O que, além de seu título, “justificaria” uma resenha de um livro de crônicas em um periódico de história das ciências? Para responder a esta pergunta utilizaremos como referencial teórico Shozo Motoyama², que em seu livro “Prelúdio para uma história”, periodiza a história da C & T no Brasil em seis momentos, a saber:

- O período colonial;
- A Regência e Império, de 1808 a 1889;
- A Ciência e a Tecnologia na urbanização e industrialização durante a - Velha República, de 1889 a 1930;
- O período desenvolvimentista, de 1930 a 1964;
- O desenvolvimentismo na ditadura militar, de 1964 a 1985;
- A Nova República, de 1985 a 2000.

Isto posto, poderemos verificar que o livro do professor Hildebrando tem muito a contribuir como fonte de informações sobre pelo menos três períodos da nossa história do século XX.

Luiz Hildebrando Pereira da Silva, nascido em Santos (SP) em 1928, graduou-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em 1953, optou pela carreira acadêmica e, ainda recém-formado, juntamente com o professor Samuel Pessoa, desenvolveu estudos e pesquisas em parasitologia e endemias rurais. Vivenciou o nascimento da chamada “biologia molecular”, e sua utilização no campo da microbiologia e parasitologia. Enquanto militante político, no Partido Comunista Brasileiro (PCB), participou ativamente das lutas pelos ideais socialistas, que, por circunstâncias históricas, o levou ao exílio e, indiretamente, ao posto de Diretor de Pesquisas do Centro Nacional de Pesquisa

¹ PqC V do Laboratório de História da Ciência, Instituto Butantan. Contato: cristiano.marques@butantan.gov.br

² “Prelúdio para uma História: Ciência & Tecnologia no Brasil”. Shozo Motoyama, EDUSP, 2004.

Científica do Instituto Pasteur-Paris, onde se aposentou em 1996. Atualmente, após retornar ao Brasil em 1997, continua as suas atividades junto à USP e na Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

A crônica enquanto fonte histórica:

A crônica como gênero literário tem assumido um grande valor histórico, pois seu caráter de gênero específico e autônomo muito tem contribuído com as pesquisas históricas. Os historiadores têm com frequência recorrido a esse gênero para auxílio em suas investigações do passado e tem reconhecido nas inspirações dos cronistas, uma fonte legítima na busca do conhecimento da realidade histórica de uma determinada sociedade. Desse modo pode-se dizer que a crônica é, na sua essência, uma forma de arte, manifestada através de palavras, com um sentido forte de lirismo.

Segundo Camilotti & Naxara (2009), a utilização da literatura como material de pesquisa deixou de ser considerada ilegítima ou desqualificada já pelo final de século XX. De acordo com estes autores, identificam-se dois modos, considerados opostos, da utilização da literatura como fonte de estudos da história. Um utilizando a literatura como “substrato de inquirição pelo historiador” e outro como substrato para “escrutínio das percepções e representações” (Gonçalves, 2008).

O significado desse gênero, que ultrapassa mais de um século, antes de ser concebida como arte, relacionava-se com o relato cronológico dos fatos sucedidos em algum lugar. Em grego “Cronos” designa tempo, daí a crônica ser compreendida como gênero histórico. Mas, esse conteúdo há muito desapareceu, permitindo mudanças de sentido que atualmente estão estritamente vinculados ao campo exclusivo da literatura e do jornalismo: “Ela passou a obter um significado mais preciso, embora polêmico, como um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima ante o espetáculo da vida, das coisas e dos seres” (Camilotti & Naxara, 2009), portanto importante visão do cotidiano.

A crônica, mais que demarcar o local e data, abre a possibilidade de captar a essência, e o sentido das ações das pessoas e sua percepção de si, e do mundo. Segundo a historiadora Pesavento (1997): “Para o historiador do presente a crônica se oferece como um exercício imaginário para apreensão das sensibilidades passadas” (Pesavento, 1997).

A Estrutura do livro e a definição do termo “O fio da meada”.

Dois livros em um. Em “Crônicas Subversivas de um Cientista”, Luiz Hildebrando incluiu material de dois outros livros de sua autoria: “O Fio da Meada” (1990) e “Crônicas de nossa época” (2001). Ao invés de dispor as crônicas em ordem cronológica, o autor preferiu agrupá-las, seguindo um eixo político, assim organizados: A



título de introdução; O despertar político; Vocação científica... Com engajamento; Exílio e Ciência; Exílio e Conspiração; A longa viagem de volta e Conclusões.

Dessa forma apresenta as fases de sua vida e como os fatos se apresentaram naquele momento, presente ou passado, e seu respectivo contexto. Entre as várias possíveis leituras do livro, o valor histórico desta obra reside na possibilidade que, através dos diálogos com seus personagens, o prof. Hildebrando, como que os entrevistando, retrata memórias da história do PCB e com ela a história política do Brasil, que não se resume ao momento de seu exílio, mas sim retomado, desde a sua fundação (PCB), transcendendo a própria temporalidade do autor.

A expressão “fio da meada” surgiu na revolução industrial quando começou a serem usadas máquinas para fazer tecidos com a manipulação da mão humana. Essas máquinas tinham um suporte para o rolo de fios (a meada). A responsabilidade do operário era a de pegar a ponta do fio (o fio da meada) e colocar na posição que a máquina começava a puxar o rolo e fabricar o tecido. Tal função exigia concentração porque o orifício que a máquina usava para puxar o fio era bastante pequeno. Acontece que os rolos passavam um a um a uma velocidade considerável e às vezes o operário perdia o “fio da meada” por falta de concentração, cansaço (devido às exaustivas jornadas de trabalho) ou por ficar fazendo mexericos da vida alheia com seus companheiros de trabalho. Tanto que os dicionários associam a palavra “meada” tanto a “fios” quanto a “mexericos”.

Na linguagem coloquial significa perder a linha de pensamento, ou de forma oposta, ponto em que se retorna a um curso de raciocínio, ponto que se retoma uma ideia.

O Militante Cientista.

Quem, os anos 1980 e 1990, frequentou os congressos de Medicina Tropical, Parasitologia ou Infectologia, pôde verificar que na programação destes eventos sempre havia uma mesa de discussão sobre os avanços das pesquisas em relação à vacina da malária, e a presença do prof. Hildebrando e do casal Nussenzeig, era uma constante. Eventos estes que sempre eram muito concorridos pelos congressistas, pois eram os dois grupos mais promissores no desenvolvimento da tão almejada vacina. Cabe neste momento recordar que naquele período eram registrados oficialmente no Brasil perto de um milhão de casos de malária, com milhares de óbitos. A maioria destes casos ocorrendo na Amazônia Legal, onde o governo militar havia aberto “uma nova fronteira de desenvolvimento” e com ela, as atividades de garimpo que tem em “Serra Pelada” sua maior representação. Conforme cita em seu currículo: “Entre 1977 e 1996 trabalhou em malária, reunindo uma equipe brilhante de colaboradores como Jurg Gysin, Arthur Scherf, Odile Mercereau-Puijalon, Gordon Langsley, Pierre Druilhe, Jean-



-François Trape, Christophe Rogier entre outros que desenvolveram importantes estudos sobre a imunidade protetora de malária falciparum, definindo, isolando as respectivas moléculas recombinantes e estudando em modelo primata experimental e em voluntários humanos uma série de moléculas antigênicas candidatas a vacina contra a malária que até hoje permanecem como moléculas prioritárias para futuras vacinas”³.

Embora o livro do prof. Hildebrando concentre-se mais na vida de militante político, suas experiências profissionais iniciadas no nordeste brasileiro nos anos 1950 na Paraíba e suas observações, constituem um rico exemplo de como a oligarquia e coronelismo se caracterizavam, e onde as parasitoses e anemia constituíam somente a “ponta do Iceberg” de um sistema social perverso e desigual. No outro extremo, na Europa (Bruxelas e Paris) compartilha do convívio com cientistas, ganhadores do prêmio Nobel, pesquisando as fronteiras da biologia, decorrência dos avanços dos conhecimentos sobre os ácidos nucleicos, o controle de genes e a possibilidade de sua manipulação, que remete a reflexões sobre as possibilidades e limites da ciência.

Através da visão do autor, temos o registro de sua passagem pela África (Argélia e Moçambique) que estabelece um bom referencial de como se davam as relações entre o mundo desenvolvido e as colônias ou ex-colônias, as tentativas de superação dos problemas sociais, e a herança da política colonialista. Em um outro momento, uma releitura da origem da FAPESP, através de fatos cotidianos e articulações da política universitária que apresentam personagens importantes da segunda metade do século XX, no Brasil.

O Cientista Militante.

Seguindo sua trajetória, perpassamos fatos históricos do século XX. Entre estes fatos, encontros com personalidades ilustres e outras nem tanto, porém não menos importantes. Isto é descrito em situações do cotidiano que, de uma forma positiva, desmistifica os personagens, proporcionando a eles um caráter mais humano.

Em essência podemos reconstituir, por meio das narrativas de diálogos com Alberto Morena e Gregório Bezerra uma boa parte da história do “partidão”, a Intentona Comunista de 1935, a Coluna Prestes e outros fatos históricos olhados de fora, por seus protagonistas, no exílio em Paris. A lista de personalidade é vasta: Delfim Netto, João Goulart, Ademar de Barros, Jean Paul Sartre, David Capistrano, Oscar Niemeyer, Darcy Ribeiro, para citar os mais conhecidos.

Paralelamente a este curso de acontecimentos, vivenciados em uma Paris

³ Fonte: Luiz Hildebrando Pereira da Silva - Sistemas USP



conturbada por movimentos de contestação do “stablishment” e o Verão de 1968 e suas manifestações, isto em um contexto de um planeta mergulhado na Guerra Fria e o terror nuclear, bipolarização mundial, a falência do modelo colonialista explícito e as lutas de libertação das colônias.

O golpe militar de 1964 teve profundas repercussões na Ciência e Tecnologia do Brasil, dezenas de pesquisadores, professores e estudantes foram perseguidos e tiveram cassados seus direitos civis, em sua maioria tiveram suas carreiras e vidas interrompidas. Os Atos Institucionais N° 1 e N° 5, além de suas arbitrariedades inerentes, desencadearam um “revanchismo” interno nas universidades, um verdadeiro acerto de contas de questões mal resolvidas da política universitária. Mas assim como o prof. Hildebrando, outros “elementos subversivos”, cientistas tiveram oportunidades fora do Brasil, como, por exemplo: prof. Rabinovitch (Instituto Rockefeller), o casal Nussenzweig (New York University), Thomas Maack (Cornell University), Luis Rey (OMS, Genebra) e Isaías Raw (MIT), entre outros. Hoje, considero que a visão social e experiência destes cientistas certamente fizeram falta para o nosso país, em um momento em que os avanços da genética, bioquímica e biologia molecular adentravam (eram incorporados) pelas academias e institutos de pesquisa deste país.



Considerações Finais. Enxergar o presente no passado.



... quando o presente se enxerga no passado, em momentos especiais, e se torna possível a leitura contemporânea da passividade. Sintoma de uma cadeia de percepções, a crônica de uma época sofreria uma iluminação reveladora de sentido quando se estabelece uma relação de analogia temporal e de sentido (Pesavento, 1997).

Em “Crônicas subversivas de um cientista”, Luiz Hildebrando faz um balanço de uma vida, juntando as peças do “puzzle” e procurando um sentido, e ao final conclui, à semelhança do “conto da aranha e suas seis filhas” do livro reinações de Narizinho de Monteiro Lobato, que talvez esteja muito velho para mudar, portanto continua (permanece) um comunista. Em síntese, um livro que explica, justifica e indica uma vida rica, coerente, objetiva, ideológica e humana.

Referências bibliográficas

Camilotti V, Naxara MRC. “História e Literatura: Fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil”. *História: Questões & Debates*, Curitiba, jan./jun. 2009. n(50): 15-49.

Gonçalves PT. Crônica como história – Cultura e prosa em Londrina nos anos



50.[homepage na internet]. Londrina: DetarsoHistória, 2008. [acesso em 05/12/12]. Disponível em: <http://detarsohistoria.blogspot.com.br/2008/10/crnica-como-histria.html>. acessado.

Motoyama S. *Prelúdio para uma História: Ciência & Tecnologia no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2004.

Pesavento SJ. *Crônica: A leitura sensível do tempo*. In: Actas do 1º Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação; 1998; Lisboa, Portugal. Universidade de Lisboa. p.409 – 415.

Silva LHP. *Crônicas Subversivas de um cientista*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2012.

Data de Recebimento: 05/12/2012

Data de aprovação: 28/12/2012

Conflito de Interesse: Nenhum declarado

Fonte de Fomento: Nenhum declarado